

Este peixe é um perigo

DF-Jago Paranoá

Davi Zocoli

JORNAL DE BRASÍLIA
13 ABR 1999

Iema e Caesb vão retirar mais de 100 toneladas de tilápias do Paranoá. Predador, o peixe se desenvolve sem controle e polui o lago

Não é tubarão nem piranha, mas este peixe é um risco para o lago Paranoá: a tilápia. A espécie corresponde a 70% dos peixes do lago e já virou praga, como em todo lugar em que se instala. Por isso, passará, dentro de 40 dias, por uma operação de retirada, já que está atrapalhando a despoluição das águas.

Como a superpopulação dos peixes torna a água cheia de algas - que se alimentam das suas fezes - e turva por revolverem o lodo do fundo, o Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), a Caesb e outros órgãos retirarão do lago pelo menos 100 toneladas de tilápias. A operação não comprometerá a sobrevivência da espécie no lago nem os outros tipos de peixes, e as tilápias capturadas serão doadas à população carente e a entidades filantrópicas.

De acordo com o Iema, essa medida é uma "biomanipulação", um dos tipos de recursos usados no trabalho de despoluição de águas do Paranoá - o outro é o controle de fontes de águas externas, como esgotos. Apesar da expressiva quantidade de peixes que será retirada do lago, os pescadores brasileiros não precisam temer pela falta do peixe. A intenção das entidades envolvidas no processo é apenas reduzir a população excessiva de tilápias.

"Elas formaram uma superpopulação por causa da grande quantidade de detritos no fundo do lago. A tilápia come de tudo", esclareceu o diretor geral do Iema, Fernando Fonseca, explicando que a espécie polui as águas no processo de alimentação e excreção.

No fundo do lago, há uma camada de lodo com grande quantidade do elemento químico fósforo - substância pouco nociva à qualidade da água quando depositada na parte mais profunda das águas. Quando a tilápia vai até essa camada se alimentar, acaba ingerindo o fósforo e excretando-o nas partes superiores do lago, propiciando o aparecimento de algas, microorganismos e bactérias.

"Onde tem fósforo, tem alga, que diminui a visibilidade da água e traz outros microorganismos", ensinou Fernando Fonseca. Além

desse motivo, ressaltou o diretor do Iema, a grande mortandade de tilápias no período da seca também pode comprometer a qualidade da água. "Elas morrem pela falta de oxigênio causada pelas inversões térmicas. Isso aconteceu nos últimos dois anos, e o lago só não ficou comprometido porque tiramos imediatamente os peixes mortos. Foram 150 toneladas em cada ano".

A operação de retirada das tilápias acontecerá numa pequena área próxima à

Estação de Tratamento da Caesb no lago Sul, onde há maior concentração de tilápias pela maior quantidade de alimentos (detritos) no fundo. Entidades como Iema, Caesb, Iama e outros usarão um tipo de pesca seletiva, ou seja, que não causará a captura de outros tipos de peixes. De acordo com o Iema, detalhes técnicos da operação, assim como a doação do pescado, ainda não estão definidos. A retirada deverá durar de sete a dez dias e será planejada com a participação da comunidade - clubes, associação de moradores dos lagos, associação de velejadores e outros. Espinhos estrategicamente situados no dorso e alta capacidade

de reprodução foram, ao longo de quatro décadas, as principais defesas da tilápia contra seus predadores naturais (tucunarés, bagres e traíras), inseridos por técnicos no Lago Paranoá - uma tentativa de controlar a população das tilápias. Hoje, a grande oferta de tilápias em águas brasileiras só faz bem aos pescadores, que encontram na espécie um bom tira-gosto.

"O que se conhece por tilápia na verdade são duas espécies, a tilápia do Congo e tilápia do Nilo. Elas têm excepcional capacidade de prolifera-

ção e se alimentam de tudo", afirmou Starling, para explicar a superpopulação de tilápias no Paranoá facilitada pela poluição. Segundo o biólogo, nem mesmo o bagre nativo e a introdução, desde o final da década de 70, de traíras e tucunarés (todos carnívoros) controlaram as espécies africanas. "A tilápia se reproduz três vezes ao ano. Além disso, diferente da maioria dos peixes, protege ovos e filhotes", afirmou Starling.

RODRIGO LEDO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

